

Um objetivo a atingir: fazer de Brasília um modelo para todo o país também em atendimento hospitalar

(eis o que a FHDF quer atingir ainda no atual governo)

"De um ponto meramente positivista, o homem é o mais misterioso e o mais desconcertante dos objetos com que a ciência depara... o homem entrou no mundo sem ruídos... e por séculos nele se tem mantido." (Pierre Teilhard de Chardin)

No setor de Saúde é onde se verifica um dos trabalhos mais significativos da administração Elmo Farias. Primeiro porque foi a partir de seu governo que se assistiu à desconcentração do atendimento hospitalar da população do Distrito Federal. E foi a partir desta desconcentração física que chegou-se ao descongestionamento da rede de hospitais do Plano Piloto.

Brasília sufocava-se uma inépia de seus hospitais. O Distrital, primeiro a ser implantado no Plano Piloto, arrastava-se com o peso de vários anos de ineficácia administrativa. Foi com a atual direção da Fundação Hospitalar do DF, sob a coordenação do médico Paulo Rios, que definiu-se uma linha mestra de ação capaz de dar à população do DF um melhor atendimento médico.

Essa linha mestra de atuação foi preparada no sentido de atender à procura cada vez maior de serviços médicos na capital. A rede hospitalar do Distrito Federal depara-se com um fenômeno, que implica no atendimento de milhares de pessoas que para cá se dirigem, vindas de pontos diversos da região Centro-oeste e do Norte do país.

Para aqui afliuem os problemas de saúde vindos de outros estados. Aqui eclodem contingentes populacionais sem saúde, à espera de melhor atendimento. Porque aqui sempre encontram todos os recursos tecnológicos inexistentes nas áreas de onde emigraram os doentes.

Inicialmente, explica Paulo Rios, procurou-se recuperar a Fundação Hospitalar. Partiu-se para a reforma administrativa da entidade, corrigindo-se o que estava errado e adaptando-se às novas exigências que a crescente população lhe impunha. Paralelamente procurou-se dotar melhor os hospitais existentes, promovendo-se a sua recuperação.

Com a reforma administrativa buscamos dar à Fundação Hospitalar um dimensionamento que lhe permitisse o apoio necessário ao atendimento de sua atividade fim, que é a prestação de boa assistência médica. O mesmo ocorreu com a recuperação física dos hospitais da rede da fundação alguns com mais de 10 anos de utilização, como é o caso do Hospital do Gama, que precisavam de urgente reparos e de novos equipamentos para bem atender aos seus usuários.

O titular da Fundação Hospitalar reafirma que "o aspecto mais importante que a reforma apontou foi a necessidade de descentralizar o atendimento hospitalar, antes feito maciçamente no Plano Piloto, para as cidades-satélites.

Passamos a nos preocupar muito com o descongestionamento dos hospitais do Plano Piloto, proporcionando aos habitantes das satélites o atendimento



hospitalar em suas cidades. Para isto, completamos as instalações de alguns hospitais nas existentes e criamos postos de Saúde que funcionam no apoio aos hospitais, explica Paulo Rios.

Com estas obras de recuperação da rede hospitalar ampliou-se em mais 400 leitos o total disponível pela fundação à população do DF. Até o final da administração Elmo Farias pretende-se implantar mais 500 leitos, sem considerar-se a construção de novos hospitais.

Quando assumimos existiam na fundação cerca de 1600 leitos. E ao término desse governo a FHDF terá 2.500 leitos para o atendimento da população da região do Distrito Federal. Portanto, dentro de nossa programação de obras, buscamos atender à recuperação da rede hospitalar, dotando-a de maior número de leitos, conclui Paulo Rios.

Rede ambulatorial

Simultaneamente à expansão do número de leitos e à remodelação dos hospitais, a atual administração da Fundação Hospitalar providenciou a ampliação da rede ambulatorial. Nesse trabalho, segundo informa Paulo Rios, conseguiu-se elevar em 20 por cento o número de ambulatórios existentes.

A Fundação Hospitalar pretende com essa iniciativa evitar que ocorra o congestionamento dos serviços de emergência, que são normalmente procurados pela população em casos que, em verdade, não são casos de emergência. A medida em fase de franca implantação poupa os serviços de emergência, cujos custos de manutenção são altamente dispendiosos.

Um outro grave problema, encontrado pela atual administração, dizia respeito à falta de equipamentos hospitalares e à recuperação dos que estavam em funcionamento. A situação, segundo Paulo Rios, era difícil, tanto no setor de laboratório, como no de radiologia.

Este problema hoje está equacionado e em vias de ser resolvido. O Hospital de Base, por exemplo, possui um completo e sofisticado Laboratório de Exames, de Patologia Clínica, totalmente automatizado. Sozinho, ele quase absorve toda a demanda por estes tipos de serviços. Ainda no hospital de Base se encontra um dos maiores conjuntos radiológicos do país. São, ao todo, nove aparelhos de radiologia, dentre os quais alguns importados recentemente, aponta Paulo Rios.

Providenciou-se também a implantação do Serviço de Radiologia do Hospital de Taguatinga com 4 aparelhos, igualmente automatizado. Com isso a fundação ficou com duas "centrais" de laboratórios com capacidade para atender à toda a demanda do Distrito Federal.

Novos equipamentos

Além desses serviços de análises clínicas, a Fundação Hospitalar instalou os hospitais de Planaltina e Brazlândia, com serviço de laboratório completo. Foram também adquiridos equipamentos para o controle do câncer, para medicina nuclear - utilizados especialmente na cura de doenças provocadas pelo mau funcionamento glandular - e mais equipamentos completos para os setores de cardiologia.

O reequipamento da rede hospitalar, segundo Paulo Rios, é fundamental à melhoria do atendimento à população. Por outro lado, explica, é essencial ao desempenho da atividade médica, oferecendo maior apoio ao binômio médico/paciente. Se, de um lado, os recursos tecnológicos aumentam os custos de atendimento, por outro, eles propiciam melhor atendimento para um número cada vez maior de pessoas.

Medicina preventiva

Com vistas a impedir condições favoráveis à disseminação de diversos tipos de doenças, a Fundação Hospitalar também desenvolve um amplo trabalho no

campo da medicina preventiva. Nesse sentido, providenciou a ampliação e implantação dos postos de atendimento nas cidades-satélites.

Assim, procedeu à duplicação do Posto da Ceilândia - hoje com dois mil e duzentos metros de área construída; ampliou o Posto de Saúde do Núcleo Bandeirante; está concluindo agora em maio as obras de ampliação e modernização do Posto de Saúde da via W/3 - que será um dos mais bem instalados; aumentou-se o Posto de Saúde do Guará I e, finalmente, estão em fase final as obras de implantação do Posto de Saúde do Guará II.

Para atender ainda às necessidades de descentralização dos serviços médicos da Fundação Hospitalar, Paulo Rios explica que estão em fase de conclusão a instalação das Unidades de Terapia Intensiva nos hospitais de Taguatinga, da Asa Sul e do Gama. Anteriormente esse tipo de serviço apenas existia no Hospital de Base.

A Unidade de Terapia Intensiva se destina ao atendimento dos casos patológicos mais graves e requer, em consequência, equipamentos sofisticados, muito caros.

Recursos humanos

De cinco mil e quinhentos funcionários em 1975 - dos quais apenas 622 eram médicos - a Fundação Hospitalar passou, em 1977, para 7.500 servidores. Desse total, 945 são médicos.

O Presidente da Fundação Hospitalar explica que a atual direção procurou valorizar mais o funcionário. Elaborou e colocou em prática uma política salarial mais justa e mais compatível com a responsabilidade desses servidores. Definiu níveis promocionais, que até então não existiam. Deu novas condições de trabalho às categorias de apoio, agora mais bem remuneradas, considerando-as peça fundamental ao bom funcionamento dos serviços hospitalares.

Sempre tivemos muita dificuldade para a contratação e manutenção de nosso quadro de funcionários, especialmente das categorias de apoio, que encontravam na iniciativa privada melhores oportunidades salariais. Por isso procuramos aumentar seus salários. Buscamos aproximar nossas tabelas salariais daquelas em vigor no mercado privado. Assim conseguimos estimular mais os diversos servidores da Fundação que, é preciso se confessar, ganhavam muito pouco e pouco de si podiam dar. Explica Paulo Rios.

Ele prossegue afirmando que a Escola Técnica de Enfermagem, que formava apenas Auxiliares de Enfermagem, foi transformada, inicialmente, num Centro Inter-escolar de Saúde. Nesta primeira etapa, a escola capacitou-se a formar técnicos de enfermagem, de laboratórios, de anatomia patológica, de banco de sangue e de radioterapia. Enfim, toda a gama pessoal para-médico necessário ao funcionamento da rede hospitalar.

Esse Centro Inter-escolar, segundo anuncia Paulo Rios, será agora transformado num Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos, cuja sede já está sendo construída na Asa Norte.

Segundo Paulo Rios, todas estas medidas tornaram-se possíveis graças ao volume de recursos colocados à disposição da fundação. Para o corrente ano, por exemplo, a fundação conta com um orçamento de 600 milhões de cruzeiros dos quais 200 milhões são recursos próprios e os restantes 400 milhões de cruzeiros repassados pelo Governo do Distrito Federal.

A persistirem os êxitos já alcançados com a implantação da reforma e o fluxo de recursos para atendimento das necessidades financeiras, Paulo Rios acredita que até ao final da administração Elmo Farias, Brasília terá consolidada a posição de uma das melhores capitais do País em atendimento médico-hospitalar.